

VENCEDOR DO DYLAN THOMAS PRIZE 2016

ELSINORE

Tradução
de Daniel Jonas



**O LUTO
É A COISA
COM PENAS**

MAX PORTER

PARTE UM UMA PINCELADA DE NOITE



MENINOS

Há uma pena na minha almofada.

As almofadas são feitas de penas, vai dormir.

É uma pena grande, negra.

Vem deitar-te e dormir na minha cama.

Também há uma pena na tua almofada.

Deixemos as penas onde estão e
durmamos no chão.

PAI

Uns quatro ou cinco dias após a morte dela, sentei-me comigo na sala de estar a pensar no que fazer. Baralhado, à espera que o choque aliviasse, à espera de um qualquer sentimento estruturado que lograsse emergir do fingimento organizacional dos meus dias. Senti-me vazio. As crianças estavam a dormir. Bebi. Fumei cigarros de enrolar à janela. Senti que o provável e principal resultado da sua ausência fosse a minha transformação num organizador em permanência, neste negociador de listas de lugares-comuns de gratidão, neste arquiteto maquinal de rotinas para crianças pequenas sem Mãe. O pesar pareceu-me quadri-dimensional, abstrato, cegamente familiar. Tinha frio.

Os amigos e família que tinham estado por cá com a sua simpatia regressaram a casa, às suas próprias vidas. Assim que deitei os miúdos, o apartamento perdeu todo o sentido, tudo era imóvel.

A campainha da porta tocou e lá me preparei para mais desvelos. Mais uma lasanha, alguns livros, um mimo, umas quantas refeições congeladas para os miúdos. Estava, claro, a tornar-me um especialista em comportamento de carpideiras-satélite. Estar no epicentro implica uma consciência curiosamente antropológica de todas as outras pessoas; os esmagados, os afetadamente apáticos, os nada-até-à-data, os que permanecem tempo a mais, os novos

melhores amigos dela, os meus, os dos miúdos. Os que ainda agora não faço a mais pequena ideia de quem sejam. Senti-me como a Terra naquela extraordinária imagem do planeta rodeado por um espesso cinturão de lixo espacial. Pensei que passariam anos até que a ilusória corrente das demonstrações de dor alheia pela minha mulher morta encolhesse o suficiente para me permitir ver de novo o espaço negro e, claro — escusado será dizer —, pensamentos deste género faziam-me sentir culpado. Mas, pensei eu em minha defesa, tudo se alterou e ela partiu e eu posso pensar aquilo que quiser. Ela acharia bem, já que éramos sempre tão analíticos, cínicos, provavelmente desleais, perplexos. Umhas cabras *post mortem* muito sociáveis, cheias de boas intenções. Hipócritas. Amigos.

A campainha voltou a tocar.

Arrastei-me pelas escadas alcatifadas até ao corredor gelado e abri a porta da rua.

Não havia postes de iluminação, caixotes do lixo ou pedras da calçada. Nenhum vulto ou luz, nenhuma forma, apenas um fedor.

Depois, um estalido e um vento súbito e eu arremessado para trás, projetado de costas contra a soleira da porta. O corredor estava negro como piche, gélido, e pensei: «Que raio de mundo é este em que me assaltam na minha própria casa hoje à noite?» E, depois, pensei: «Francamente, o que interessa?» Pensei: «Por favor, não acordem os miúdos, precisam de descansar. Dou-vos tudo o que tenho, mas não me acordem os miúdos.»

Abri os olhos e tudo continuava escuro e tudo
estalava e tudo restolhava.

Penas.

Um forte odor a decadência, um doce pivete felpudo a
comida acabada de estragar e musgo e couro
e levedura.

Penas por entre os meus dedos, nos meus olhos, na minha
boca, sob o meu peso uma rede de penas elevando-me
a um palmo dos ladrilhos.

Um olho preto-azeviche luzidio do tamanho da minha cara,
pestando lentamente, numa órbita coriácea enrugada,
arregalando-se num testículo do tamanho de uma bola de futebol.

SHHHHHHHHHHHHHHH.

shhhhhhhh.

E isto foi o que ele disse:

Ficarei até que não precisas mais de mim.

Põe-me no chão, disse eu.

Só quando disseres olá.

Põe. Me. No. Chão, grasnei eu, e o meu mijo aqueceu o
berço da sua asa.

Estás assustado. Vá, diz olá.

Olá.

Di-lo como deve ser.

Eu recostei-me para trás, resignado, e desejei que a minha mulher não tivesse morrido. Desejei não estar apavorado, caído num gigantesco abraço-pássaro no meio do corredor. Desejei não ter ficado obcecado com esta coisa justamente no momento da maior tragédia da minha vida. Estes eram anseios reais. Era amargamente maravilhoso. Eu tinha alguma lucidez.

Olá, Corvo, disse eu. Que bom conhecer-te finalmente.

*

E ele foi-se.

Pela primeira vez em muitos dias, dormi. Sonhei com tardes na floresta.

CORVO

Muito romântico, o nosso primeiro encontro. Portámo-nos mal. Zigue-zague. Apartamento de dois andares, duas camas na parte de cima, ligeira falha farpada, entrei facilmente à socapa pela parede, no quarto no sótão para ver os meninos de algodão dormindo no seu silêncio, um rumor intoxicante de crianças inocentes, cotão, crrác, gac-pac-nac, o lugar estava pejado de luto profundo, cada superfície Mãe morta, lápis de cor, trator, casaco, galocha, cobertos com uma película de pesar. Desci as escadas de Mãe Morta, sussurro plim plim de garras recurvas até ao quarto do Papá, ainda há pouco da Mãe e do Pai. Eu era Herne, o caçador mocho, pito. Mutilado. Aqui está ele. Apagado. Pálido de ébrio. Ajoelhei-me sobre ele e cheirei o seu hálito. Notas de sebo podre, moscas varejeiras. Abri à força a sua boca e contei-lhe os ossos, petisquei por um momento entre os seus dentes por lavar, passei-o a fio dental, corvino, atirei-lhe a língua para cá e para lá, levantei o edredom. Dei-lhe um beijo à esquimó. Dei-lhe um beijo de borboleta. Dei-lhe um beijo de voejo de carriça a adejar. Os seus tomates felpudos (verdes-verdete) tristonhos e aconchegados pendendo, subindo levemente, e depois baixando, subindo, depois baixando, subindo, depois baixando, eu rezava pela respiração e a epiderme segredava «carne, haa, carne, haa, carne, haa», e era belo para mim, levantando-se (tal como eu) depois caindo (tal como eu) em forma de panela (tal como eu), era de admirar que os factos da minha chegada ao fundo dos seus lençóis não o levantassem, fedor, fétido-pérfido-tétrico, acorda, humano (PENAS DE PÁSSARO CU ACIMA, NO TEU OLHO ESTRÁBICO, NA

TUA BOCA) mas ele dormia e o quarto era um mausoléu. Ele era um resquício acidental e eu sabia que esta era a melhor missão, um bocado muito bem passado. Pus a minha garra no seu globo ocular e pesei-o, extorquindo-o por prazer ou misericórdia. Arranquei uma pena negra do meu capuz e deixei-a na sua frente, como, sua, frente.

Como lembrança, como aviso, como pincelada de noite ao alvorecer.

Como uma pequena fresta no pesar.

Dar-te-ei algo em que pensar, segredei eu.

Ele acordou e não me encontrou no meio da escuridão do seu trauma.

ghoeeze, estalou ele.

ghoeeze.

PAI

Voltei hoje ao trabalho.

Consegui aguentar meia-hora e depois limitei-me a garatujar.

Fiz um desenho do funeral. Toda a gente tinha cara de corvo, tirando os meninos.

CORVO

Olha-me só para aquilo, olha, consegui ou não, ei, olha, já chega. Bom livro, corpos engraçados, porta aberta, porta fechada, cospe nisto, lambe aquilo, levanta, ei, olha, pára.

Uma oportunidade meiga para cuidar. Deixa lá, todas as noites, no romper da alvorada, tudo muda, só carne aqui, só carne ali, ponha-se de parte o fedor. Consegui ou não consegui, ooh, asfalto macadame. Comestível, pegajoso, mau disfarce.

Amarra-me ao mastro ou eu como-a até que a minha matemática lhe saque o seu olhar de pena, de pena, de pena! Uma mão amputada, espinheiro, caixa de cisnes, caixa de histórias, o arco do mijo, melhor assim, tenho de parar de tremer, devo ficar quieto, fá-lo ficar quieto.

Ei, olha, confia em mim. Consegui ou não garantir fielmente São Vicente a Lisboa. Uma viagem segura, um pouco de fígado, snif, snif, amaciador de tecidos, couro, carris derretidos para fazer bombas, balas. Consegui ou não transportar a bruxa, atravessar com ela o rio. Não te iludas, não consegui. Canta a cantiga, melro, um automático vai-te-foder-cobarde, nojento, lindo menino, piada, pio, piada, pia, piada. Paciência.

Eu podia tê-lo dobrado para trás sobre uma cadeira e ter-lhe administrado a conta-gotas comunicados desagradáveis em torno da hora exata da morte da mulher. OUTROS PÁSSAROS TÊ-LO-IAM FEITO, não há bons nem maus neste reino. O melhor é pôr mãos à obra.

Eu creio no método terapêutico.

MENINOS

Éramos meninos com carros telecomandados
e conjuntos de carimbos e sabíamos
que alguma coisa se passava. Sabíamos que não nos davam
respostas diretas quando perguntávamos
«onde está a Mamã?» e sabíamos, mesmo antes
de nos levarem para o nosso quarto
e dizerem para nos sentarmos na cama,
um de cada lado do Papá, que alguma coisa
tinha mudado. Soubemos e compreendemos
que isto era uma nova vida e que o Papá
era agora um tipo de Papá diferente e que nós
éramos agora uns meninos diferentes, éramos
uns meninos corajosos sem Mamã. Por isso,
quando ele nos contou o que tinha acontecido,
eu não sei o que pensava o meu irmão, mas eu
pensava isto:

Onde estão os carros dos bombeiros? Onde está o
barulho e o clamor num acontecimento como este?
Onde andam os estranhos que se desviam da sua vida
para nos ajudarem, que gritam, que agitam bocados de
equipamento de emergência fluorescente
na nossa direção para tentar acalmar-nos e acudir-nos?

Devia haver homens com capacetes a usarem
uma nova e dramática linguagem de crise.
Devia haver níveis de ruído horripilantes,

completamente estranhos e desadequados para o nosso confortável apartamento em Londres.

Multidão nenhuma, nenhuns estranhos com uniformes, nenhuma linguagem de crise. Só nós com os nossos pijamas e as pessoas a visitarem-nos, dando-nos coisas.

As férias e a escola sabiam ao mesmo.

CORVO

Noutras versões sou um médico ou um fantasma. Mecanismos perfeitos: médicos, fantasmas e corvos. Conseguimos fazer coisas que outras personagens não conseguem, como comer a mágoa, desdar à luz segredos e travar batalhas dramáticas com a linguagem e com Deus. Eu era amigo, desculpa, *deus ex machina*, piada, sintoma, ficção, espectro, muleta, brinquedo, fantasma, mordança, analista e ama-seca.

Eu era, ao fim e ao cabo, «o pássaro central... a cada extremo». Sou um molde. Sei disso, ele sabe disso. Um mito onde se entra de mansinho. Onde se erra de mansinho.

Inevitavelmente, tenho de defender a minha posição, porque a minha posição é sentimental. Não conhecem os vossos contos originais, a vossa verdade biológica (acidente), as vossas mortes (picadas de mosquito, na maioria das vezes), as vossas vidas (em alegre negação). Tenho relutância quanto a discutir o absurdo convosco, que nos perseguiram desde o começo dos tempos. De que serve um corvo diante duma matilha de humanos pesarosos? Um amontoado. Uma palpitação.

Uma ferida.

Uma ficha.

Um pasmo.

Um fardo.

Uma fenda.

De modo que sim, como láparos, saqueio ninhos, engulo a imundície, engano a morte, escarneço os sem-abrigo famintos, ludibriados, mal-informados. Ei, cala-te! Não passa de um raio dum fardo de tempo desperdiçado.

Mas preocupo-me, profundamente. Considero os humanos aborrecidos exceto no pesar. Há muito poucos na saúde, no desastre, na fome, na atrocidade, no esplendor ou na normalidade que me interessem (que ME interessem!), mas as crianças sem mãe sim. As crianças sem mãe são puro corvo. Para uma ave tão sentimental, um ninho destes é uma pilhagem saborosa, rica e deliciosa.

PAI

Desenhei-a descosida, as costelas espalmadas e esticadas, dispostas como um xilofone, com os pássaros da morte tocando melodias nos seus ossos.

CORVO

Escrevi centenas de memórias. É necessário para grandes nomes como eu. Acho que se chama o imperativo.

Era uma vez um casamento de sangue e o filho corvo, revoltado que a sua mãe voltasse a casar, voou para longe. Voou em busca do seu pai mas tudo o que encontrou foi carniça. Fez amizades entre lavradores (atraiu outros pássaros para as suas espingardas), cientistas (conseguiu fazer truques com utensílios que fariam a vergonha de macacos) e um poeta ou dois. Achou, em várias ocasiões, que tinha encontrado os ossos do Paizinho e chorou e gritou aos odiosos açores, «estão a ver o que é isto, são os ossos cinzentos do meu Papá encapuçado», mas sempre que voltava a olhar verificava ser a carcaça de um corvídeo qualquer. Então, cansado da sua vida de fábula, farto da sua fama aziaga, pulou e esvoaçou e arrastou-se para casa. As bodas nupciais estavam ainda no seu auge e o corvo cinzento ancião acasalando com a sua mãe na pilha de lixo ao fundo das escadas era nada mais nada menos que o seu pai. O filho corvo gritou a sua dor e a sua perplexidade aos seus pais, que se contorciam. O seu pai riu-se. TUMBA. TUMBA. TUMBA. Estás nestas vidas há muito tempo e sempre foste corvo, mas ainda não consegues aceitar uma piada.

PAI

Suave.

Leve.

Como luz, como o pé de uma criança polvilhado
a talco e beijos, como camurça que dá vida, como pó, como formigueiro,
como uma promessa, como uma maldição, como sementes, como
qualquer coisa áspera, entrançada, enlaçada ou numerada,
como qualquer coisa que a natureza tenha criado, violenta, serena.

Tudo está fora do lugar. Nada há agora de paciente.

MENINOS

O meu irmão e eu descobrimos um lebiste numa piscina formada no meio de umas rochas algues. Decidimos tentar matá-lo. Primeiro, atirámos calhaus para a piscina mas o peixe era rápido. A seguir, tentámos pedras maiores e pedregulhos, mas o peixe ou se escondia nos recantos debaixo de pequenas gretas ou batia em retirada. Não passávamos de rapazes humanos e o peixe de apenas peixe, por isso inventámos uma maneira de o matar. Enchemos a piscina com pedras, fizemos açudes e barragens para isolar o lebiste numa área cada vez mais circunscrita. Não tardou a ficar encurralado lenta e tristemente na sua pequena piscina-prisão, e vai daí escolhemos uma pedra do tamanho ideal. O meu irmão atirou-a com o braço por cima do ombro, ela detonou com estrondo e salpicou, pedra sobre pedra dentro de água, e radiantes pegámos nele. Claro que o peixe estava morto. E eis que toda a graça se esgotou naquela praia ampla e vazia. Senti-me mal e o meu irmão disse uns palavrões. Sugeriu arremessar o lebiste inanimado para o mar, mas eu não conseguia tocar-lhe, por isso corremos de volta pela praia afora e o Pai sem levantar o olhar do seu livro apenas disse «aposto que fizeram uma asneira qualquer».

PAI

Nunca mais discutiremos, as nossas discussões adoráveis, prontas a usar, chapa cinco. As nossas zangas delicadas a ponto de cruz.

A casa torna-se uma enciclopédia física da ausência dela, o que choca e choca e é a principal diferença entre a nossa casa e a casa onde a doença deixou a sua marca. As pessoas doentes, no seu último dia na Terra, não deixam bilhetes presos às garrafas de vinho tinto com os ditos «É QUE NEM PENSES, CAMELO». Ela não estava ocupada com morrer, não há quaisquer vestígios de cuidados, ela estava tão-somente preocupada em viver e, num estalar de dedos, já não vivia.

Nunca mais há de usar (maquilhagem, açafão-da-índia, escova, dicionário de sinónimos).

Nunca mais há de acabar (um romance da Patricia Highsmith, com a manteiga de amendoim, de gastar o bálsamo labial).

E eu nunca mais hei de ir às compras procurar clássicos da Virago para o aniversário dela.

Vou deixar de encontrar cabelos dela.

Vou deixar de ouvir a respiração dela.

MENINOS

Achámos um peixe numa piscina e tentámos matá-lo, mas a piscina era grande de mais e o peixe rápido de mais, por isso amaldiçoámo-lo e esmagámo-lo. Mais tarde, durante séculos, o meu irmão fez desenhos da piscina, do peixe, de nós. Diagramas a explicar as nossas decisões. O meu irmão usa sempre diagramas para explicar as nossas decisões, mas não são propriamente científicos, são desconexos. O meu irmão gosta de fazer diagramas mal desenhados e desconexos, apesar de ele, na verdade, desenhar muito bem.

CORVO

De olhos no chão, a saltitar, a olhar.
De olhos no chão, em pulo-desalento, titubeante.
Olha para cima. «NOTAS CRRÁC ALTAS, FORTES
E INDIGNADAS» (*Guia Collins das Aves*, p. 45).
De olhos no chão, de tampa apertada, entretido.
De olhos no chão, varre-esfrega-varre, saltador.
Ele poderia aprender muito comigo.
É por isso que aqui estou.

PAI

Entre o eu natural do Corvo e o seu eu civilizado
vai-se fazendo um intercâmbio fascinante e constante,
entre o carniceiro e o filósofo, entre a deusa do
ser completo e a mancha negra, entre o Corvo
e a sua natureza. Parece-me ser o intercâmbio exato
entre o luto e a vida, então como
agora. Teria muito a aprender com ele.

MENINOS

O Pai partiu. O Corvo está na casa de banho, onde passa muito tempo porque gosta da acústica. Nós estamos agachados ao pé da porta fechada, à escuta. Ele está a falar muito lentamente, muito nitidamente. Fala à antiga, como o vinil do Dylan Thomas que o Pai tem.. Ele diz SÚBITO. Ele diz TRAUMA. Ele diz Induziu... tosse e cospe e volta a tentar, INDUZIUI. Ele diz TRAUMA SÚBITO INDUZIUI ALTERAÇÃO NO ESTADO DE ALERTA.

O Pai regressa. O Corvo muda de melodia.

CORVO

Previzado, aflição de horror. Olá ô-lá cripe-crape
cripe crape quem é aquele corvúnculo cuspo do meu cuspo,
talhe do meu talhe? Observa enquanto abraço de asa grossa, faço um
faço dois, crianças sem mãe na minha armadilha, na minha abside,
em lotes separados para a fervura, Enunciai-a, enrolando-os e
revolvendo-os, lábios de carriça e queimando-os. Ooh, pressão!
Há que ensaiar, há que maldizer menos. A nobreza da natureza,
ahah krah ahah krap ahah, é melhor não.

(Faço estas coisas, o meu número de corvo, para
ele. Quer-me parecer que ele se imagina um pouco xamã
de Stonehenge a ouvir o espírito da ave. Por mim, tudo bem,
tudo o que o valha nesta noite escura.)

Megálito!

PARTE DOIS

DEFESA DO NINHO



PAI

Catorze meses para acabar o livro para a Parenthesis
Press: *O Corvo de Ted Hughes no Divã: Uma Análise*
Indómita.

Tenho um editor desmazelado em Manchester que me envia notas encorajadoras e diz compreender perfeitamente se, neste momento, escrever um livro for pedir de mais. Combinámos que o livro iria refletir o assunto. Irá saltitar um pouco. A Parenthesis espera que o meu livro possa vir a apelar a todos aqueles que estão fartos da arqueologia Ted & Sylvia. Não será sobre eles, foi o combinado. Esquecemo-nos foi de combinar sobre o que será.

Sempre que me sento e passo a vista pelas minhas notas, o Corvo aparece no meu escritório. Por vezes, desleixadamente no chão, encostado a uma asa («Olhem só! Sou a Vénus de Corvino!»), por vezes, pacientemente empoleirado no meu ombro a aconselhar-me («Achas que é justo para o Baskin, achas mesmo?»). A maioria das vezes fica feliz por ficar enrodilhado em sossego na poltrona a ler, silvando. Fica a folhear livros ilustrados e antologias de poesia, a estalar a língua e a suspirar. Não tem tempo para romances. Só pega em livros de História para chamar estúpidos a grandes homens ou amaldiçoar a Igreja. Aprecia memórias e encantou-o descobrir um livro sobre uma escocesa que adotou uma gralha.

CORVO

Era uma vez um passaroco ama-seca, chamemos-lhe Corvo. Ele tinha lido muitas histórias russas de encantar (o preguiçoso, a coruja da Baba Yaga, o triunfo do Príncipe decente), mas foi em todo o caso um prestador de cuidados autorizado e acreditado, muito admirado pelos pais de Londres, muito solicitado às sextas-feiras à noite. No seu anúncio de quiosque estava escrito:

«Vale dos Lençóis: E Além!»

A televisão foi abaixo e o Corvo sugeriu um jogo. «Meninos», disse ele, «cada um de vocês deve construir — aqui no chão — um modelo da vossa Mãe. Tal como se lembram dela! E aquele que construir o melhor modelo ganha. Não o mais realista, mas o melhor, o mais verdadeiro. O prémio é o seguinte...», disse o Corvo, passando a mão pelos macios cabelos das crianças... «o melhor modelo vai ter direito à vida, uma mãe viva para os aconchegar na cama.»

E, assim, os rapazes puseram mãos à obra.

Um deles começou a desenhar, concentrando-se ardentemente como um pintor de frescos de palmo e meio esgaravatando mãos e joelhos no andaime. Trinta e sete folhas A4 coladas com adesivos umas às outras e o arco-íris completo de lápis de cor, lápis de carvão e canetas, os dentes da frente mordendo o lábio inferior. Respiração ofegante pelo nariz ao

afeiçoar os olhos, amarrotar tudo, começar tudo de novo, embalado no seu caminho, contente com as mãos, contente com as pernas.

O outro optou pela colagem, um modelo da mulher feito a partir de talheres, laços, material de escritório, brinquedos, botões e livros, alinhando freneticamente — ora pulando, ora abaixando-se — como um mecânico no fosso. Fazendo estalidos e chios à medida que ia construindo o seu mosaico maternal, contente com a cara, contente com a altura. E, de súbito, «Parem!», disse o Corvo.

«São ambos extraordinários», disse ele, admirando-lhes a obra, «captaram o seu sorriso, captaram a sua pose, os ombros dela eram assim curvados, nem mais, nem menos!»

E os meninos mal podiam esperar para saber quem ganhara; «Qual delas? Qual Mãe?!», mas o Corvo começou a pular, evitando-lhes o olhar, reprimindo o riso e voltando-se.

«Corvo, qual destas mães a brincar nos fez ganhar uma mãe a sério?»

E o Corvo ficou quieto, sem vontade de rir.

«Corvo, não brinques, queremos a nossa Mamã a sério.»
E o Corvo começou a chorar.

E os meninos meteram o Corvo num forno tórrido até ser
reduzido a células.

Este é o pesadelo do Corvo.

«COMO LEMBRANÇA, COMO AVISO, COMO PINCELADA DE NOITE AO ALVORAR.

COMO UMA PEQUENA FRESTA NO PESAR,

DAR-TE-EI QUALQUER COISA EM QUE PENSAR, SEGREDEI EU.

ELE ACORDOU E NÃO ME ENCONTROU NO MEIO DA ESCURIDÃO DO SEU TRAUMA.»

Aqui está ele: marido e pai, romântico desarranjado e académico apaixonado por Ted Hughes, um homem perdido depois da morte súbita da sua mulher. E ali estão os seus dois filhos, a enfrentarem, como ele, a tristeza insuportável que os engoliu no seu apartamento londrino perante um vaivém de amigos bem-intencionados e um futuro de absoluto vazio.

Neste momento de desespero, são visitados pelo Corvo – antagonista, trapaceiro, curandeiro, babysitter. Este pássaro «sentimental» é atraído pelo luto da família e ameaça permanecer com eles até que não mais precisem da sua ajuda. À medida que o tempo passa, as semanas se tornam meses e a dor se transforma em memória, esta pequena unidade de três pessoas começa a curar-se.

Numa estreia absolutamente extraordinária – parte novela, parte fábula polifónica, parte ensaio sobre o luto –, Max Porter combina sensibilidade e um estilo corajoso, criando um efeito deslumbrante. Carregado de um humor inesperado e marcado por uma profunda verdade emocional, *O Luto É a Coisa com Penas* marca a chegada de uma nova voz literária, entusiasmante e original.

«*O Luto É a Coisa com Penas* mostra-nos um outro modo de pensar o romance e as suas potencialidades, enquanto nos guia por um assunto negro e emocionalmente difícil, página após página, como se fôssemos transportados por asas.»

GUARDIAN

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8843-61-6  9 789898 843616 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	